

O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA

Klytton Fernandes de Sousa¹

RESUMO:

O presente trabalho irá abordar a análise do filme O ódio que você semeia adaptação cinematográfica do livro The Hate You Give (título original) da autora Angie Thomas, buscando analisar alguns conceitos abordados na disciplina de Organização e Funcionamento da Educação Básica (OFEB) tais como poder, política, governo, educação, estrutura, sistema, organização e base.

Palavras-Chave: O ódio que você semeia. Poder. Khalil. Starr. Racismo. Sistema.

SINOPSE

Starr Carter é uma adolescente negra de dezesseis anos que presencia o assassinato de Khalil, seu melhor amigo, por um policial branco. Ela é forçada a testemunhar no tribunal por ser a única pessoa presente na cena do crime. Mesmo sofrendo uma série de chantagens, ela está disposta a dizer a verdade pela honra de seu amigo, custe o que custar



INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido na disciplina de Organização e Funcionamento da Educação Básica (OFEB), na Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia (CUA), no curso de Licenciatura em Letras, com o objetivo de abordar alguns temas relevantes e que possuem ligação com o filme escolhido.

Quando criança, Starr viu sua melhor amiga ser morta a tiros por um rapaz de carro, ela assistiu toda a cena diante de si e quase não escapou com vida pra contar sua própria história. Mas isso ficou no passado, Starr é adolescente agora e estuda em uma das melhores escolas que seu bairro jamais poderia ter, divide as amigas que tem no seu bairro e na “escola de brancos” perfeitamente, vive paralelamente suas duas vidas. Tem o melhor namorado branco que alguém poderia ter, a Starr 2.0 é sua melhor versão.

Seus pais deram a Starr a melhor educação que ela poderia ter, desde criança, ela aprendeu o peso de ser negra e ter nascido em um bairro perigoso e marginalizado, aprendeu a se comportar na frente da polícia caso fosse parada e revistada, aprendeu a não responder com

¹ Graduando em Letras na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUA). E-mail: klytton2010@hotmail.com

má educação e não ficar nervosa se não estivesse fazendo nada de errado. Starr também gostaria que seu amigo Khalil tivesse aprendido todas as técnicas que seus pais lhe ensinaram.

ANÁLISE

O ódio que você semeia (*The Hate You Give* originalmente) lançado em 19 de outubro de 2018 é um filme peculiar, ele aborda o racismo escancaradamente e serve como pano de fundo para as irregularidades e marginalização nos Estados Unidos, um país que tem em suas raízes o racismo em boa parte de sua história. O filme acompanha a luta das pessoas negras na busca por igualdade, melhoria e justiça. Com ficção e um toque de romantismo, acompanhamos Starr, uma jovem negra com seus dois irmãos, estudante de uma escola de brancos, com um namorado branco, longe do bairro onde mora.

O filme esclarece muito bem a vitória de pessoas negras sobre o racismo doentio presente. Porém, ele deixa claro que ainda existe estereótipos e conceitos ligados de forma negativa aos negros. Com muita singularidade, o filme consegue abordar o comportamento das raças e como essas pessoas se excluem e se dividem.

Quando Starr tinha doze anos de idade, seus pais tiveram duas conversas com a ela, a primeira, de onde vinham os bebês e a segunda, o que fazer se um policial a parasse. As palavras de seu pai ecoaram na sua mente por anos: “Faça o que mandarem você fazer, mantenha as mãos a vista, não faça movimentos repentinos e só fale quando falarem com você”. Mas Starr era jovem demais pra entender todo o peso que aquela conversa havia tido e como aquilo seria importante na sua vida, como aquilo deveria ser gritado aos quatro cantos e que todos deveriam saber as normas básicas de sobrevivência, Starr queria ter podido avisar seu melhor amigo Khalil sobre isso.

No campo marxista coube a Gramsci o mérito de ter entendido que o poder de Estado não se reduz ao aparelho regressivo, mas que é constituído por aparelhos ideológicos que garantem a adesão moral às regras do status quo. Althusser dá continuidade ao estudo gramsciano, afirmando que “nenhuma classe pode deter duradouramente o poder de Estado sem exercer ao mesmo tempo sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado” (1976, pg86). - Fragmento retirado do artigo de Maria Lygia Quartim de Moraes: Estudos de Gênero: Teoria e Pesquisa. (2007)

Quando se cresce em uma periferia, você aprende rápido a se virar e isso pode acontecer do jeito fácil ou difícil. Por ter os pais presentes e uma boa educação em casa, Starr e seus irmãos aprenderam logo cedo o certo e o errado e o que fazer e não fazer. Todos cresceram com uma boa educação e nunca fizeram nada que deixassem seus pais chateados.

Starr é a única testemunha de um crime, ela pode se calar para sempre ou escolher lutar pelo amigo, duas escolhas, não são fáceis, há bastante em jogo, uma luta que ela não estava preparada para travar, defender seu amigo negro morto por um policial branco não é como Starr pretendia terminar seu semestre letivo. Ela teme por sua segurança e de seus amigos, de sua família e de todos ao seu redor, mas Starr precisa tomar essa decisão. O filme consegue conversa conosco perfeitamente de uma forma simples, é quase como se nós decidíssemos lutar com Starr e ampara-la. Nós estamos lutando juntos, estamos debatendo junto ou estamos nos calando por causa da sociedade, medo ou insegurança?

Em primeiro lugar conseguimos ver o amadurecimento da personagem, como ela consegue crescer e aprender, principalmente olhando mais ao seu redor, criando essa voz crítica que é o que mais falta nos dias de hoje, precisamos ter mais opinião sobre as coisas, estar mais ante ao que está acontecendo e de certa forma, usa a nossa voz para mudar o mundo.

Depois também conseguimos ver o grande pilar da crítica social inserida no filme e dentro dessa crítica o mais importante: o racismo. O grande tapa na cara desse filme, o que nós como brancos, sabemos o que é ser negro e sofrer racismo? E esse filme trás isso, o outro lado da moeda, a parte social, o preconceito. O filme trás isso de uma forma sincera e real, pois o melhor amigo de Starr morreu por causa desse preconceito. O filme ainda consegue abordar as questões de privilegio e meritocracia.

O melhor amigo de Starr, Khalil, a lembrava sempre o que Tupac (Rapper nascido em 16 de junho de 1971 e morto em 13 de setembro de 1996) – *explicação para o título original* - dizia: “**Thug Life**, “vida bandida”, queria dizer “**The Hate U Give Little Infants Fucks Everybody**”, ou “O ódio que você semeia pra criancinhas fode com todo o mundo”.

Pouco antes de morrer, Khalil explicitou seu pensamento novamente à Starr. Na saída de uma festa que aconteceu no seu bairro, os dois foram parados pela polícia pois Khalil esqueceu de dar seta. Khalil sempre achava essa abordagem uma bobagem e seu tom com a polícia soava superior na maioria das vezes, mesmo Starr pedindo calma e que Khalil fizesse o que o policia mandasse. O policial branco abordou Khalil pedindo a documentação e também pediu que saísse do carro para o revista-lo. Khalil saiu do carro e aguardou.

Enquanto o policial verificava a veracidade da documentação, Khalil conversava com Starr que permanecia no carro, Khalil inclinou-se para dentro do carro e o policial avistou de longe a cena e entendeu que ele estava pegando uma arma e atirou nele a queima roupa. Sem precedentes, sem verificar a veracidade do que estava vendo, apenas sua intuição guiando-o. Starr viu seu melhor amigo morrer sem poder fazer nada para ajudar, novamente.

[...] A teoria da interpelação aponta para a dimensão da aceitação das regras sociais e é exemplificada no fato de que respondemos ao chamado do policial que nos grita: “ei, você aí!” Responder à interpelação é estar dentro da submissão. O agente policial representa o poder e ato de interpelação revela o âmago da socialização, pois o Poder não somente nos submete mas também nos formata, nos sujeita. - Fragmento retirado do artigo de Maria Lygia Quartim de Moraes: Estudos de Gênero: Teoria e Pesquisa. (2007)

A questão racial novamente presente, pois a abordagem do policial foi intimidadora, diferindo do que ele faria caso fossem pessoas brancas ali na mesma situação.

A cada vinte e três minutos um jovem negro morre no Brasil. (Os números são do Mapa da Violência, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso).

O sistema funciona na regularização do país e de como ele está dividido, como estamos falando dos Estados Unidos, usaremos ele como exemplo para a exemplificação e entendimento das divisões raciais e de classes e como isso afeta diretamente as pessoas. Ele está organizado e estruturado de uma forma em que é difícil ceder, muita gente morre todos os dias nas reivindicações de seus direitos, direitos esses que todo cidadão deveria ter.

Junto ao sistema, encontramos a organização, também interligado a um conjunto de componentes de natureza educativa, que se estruturam ordenadamente por leis e normas a fim de possibilitar uma melhor eficácia nos resultados, ou seja, melhor rendimento, tanto no meio estudantil como empregatício, com um maior controle dos métodos utilizados.

Quando tocamos nas questões de política e poder expostas no filme, precisamos nos salientar de um problema racial que predomina desde a época da escravidão, na primeira metade do século XVI. As lutas de classes predominam por séculos a fio e luta contra o preconceito parece nunca ter fim. Starr conhece bem essa realidade e agora ela é a chave mais importante da nossa história. Ela está disposta a lutar por seus direitos e não deixar passar sem justiça a morte do seu amigo.

A clara batalha foi travada, Starr precisa provar a inocência do seu amigo negro morto por um policial branco quando tudo joga contra. Ela é a única testemunha do caso, tendo que lidar com o falatório na sua escola, a desconfiança das pessoas em relação a ela ser a testemunha e todo o medo que a envolve de colocar a cara numa luta que não é só dela e que perdura há séculos.

Depois de inúmeros depoimentos de Starr e toda a proporção que o caso ganhou pela mídia, após quatorze semanas, o policial branco foi considerado inocente por falta de provas.

A reação do oprimido nunca deve ser confundida com a violência do opressor. Deixo como dica de dois documentários disponíveis na Netflix, o primeiro: **A Décima Terceira Emenda**, faz um apanhado de muitas coisas, engloba principalmente o sistema carcerário dos Estados Unidos e como ele prende negros todos os dias em todos os momentos. O segundo: **Os Panteras Negra: Vanguardas da Revolução**, eles vigiavam ferrenhamente a polícia para ver se eles ainda continuavam matando tantos negros e o movimento foi crescendo cada vez mais e tendo cada vez mais simpatizantes. Lembrando que resistência não é reação à violência, é resistência ao discurso de ódio, ao ódio que você semeia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Acima de tudo, uma grande história deve ser um convite para pensar e não um substituto do pensamento”, começo citando Derek Tompson, fragmento do livro Hit Makers para começar a fazer você leitor deste artigo, a pensar. O ódio que você semeia estreou no Brasil em dezembro de 2018 e em apenas sete salas em todo o país, se você não é grande fã de Angie Tomas, talvez nem soubesse da existência do mesmo e seu aguardo para a estreia.

Um filme que retrata tão fortemente o preconceito, racismo e brigas de classe, pode ter passado batido por você, mas espero que ao longo de todo esse artigo, você tenha aberto a sua mente e aprendido um pouco que seja com os temas abordados aqui. Essa luta não termina aqui, mas depende de nós torná-la mais forte.

REFERÊNCIAS

Artigo completo de Maria Lygia Quartim de Moraes disponível em: <http://anpocs.org/index.php/papers-31-encontro/st-7/st18-5/2955-mariaquartim-em-torno/file> (Acesso em: 25 fev. 2019)

Livro O Ódio que você semeia disponível em: https://www.amazon.com.br/ódio-que-você-semeia/dp/8501110817/ref=tmm_pap_swatch_0?encoding=UTF8&qid=&sr=